



Edição 02 – Novembro de 2012  
Texto recebido até Outubro de 2012  
Aceito para publicação em Novembro de  
2012

## A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO MODERNO EM BURITI, CLARO ENIGMA E SÃO BERNARDO

Inti Anny Queiroz<sup>1</sup>

USP

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar o perfil do sujeito moderno ou sujeito modernista a partir do estudo de três relevantes autores da literatura modernista brasileira: Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Carlos Drummond de Andrade. O artigo busca uma análise comparativa e deverá traçar uma análise não apenas focada na observação da literatura contemporânea comparada, mas cruzando com outros fatores estéticos e formais como encontrados em outras artes como o cinema, o teatro e até nas artes plásticas. Nós observaremos como o sujeito moderno é tratado em cada um dos autores e enriquecer a análise com características de cada um dos autores e suas respectivas histórias de vida. Para efetuar nossa análise utilizaremos uma obra de cada um dos referidos autores: O Buriti, São Bernardo e Claro Enigma, que de acordo com análises previamente consultadas, nos forneceu ferramentas e reflexões para acreditarmos serem significativas para a observação pretendida. Questões históricas e filosóficas poderão auxiliar na observação de possibilidades sobre o tema proposto.

**PALAVRAS-CHAVE:** modernismo, literatura brasileira, sujeito

**ABSTRACT:** The intention of this article is to analyze the profile of the modern subject or subject from the modernist study of three authors of the relevant Brazilian modernist literature: Guimarães Rosa, Graciliano Ramos and Carlos Drummond de Andrade. The article attempts a comparative analysis and an analysis should define not only focused on the observation of contemporary comparative literature, but crossing with other formal and aesthetic factors as found in other arts such as cinema, theater and even the arts. We look at how the modern subject is treated in each of the authors and enrich the analysis with characteristics of each of the authors and their life stories. To perform our analysis we use a piece of each of these authors: O Buriti, São Bernardo and Claro Enigma, which according to analyzes previously consulted, gave us tools and reflections to believe are significant to observe desired. Historical and philosophical issues may assist in observation of possibilities on the proposed topic.

**KEY-WORDS:** modernism, brazilian literature, subject.

### INTRODUÇÃO

Analisar e comparar três grandes nomes da literatura Brasileira como Guimarães Rosa, Carlos Drummond e Graciliano Ramos não é uma tarefa fácil. O presente estudo busca

---

<sup>1</sup> Mestranda em Filologia da Língua Portuguesa no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Email: [inti.queiroz@usp.br](mailto:inti.queiroz@usp.br)



traçar uma análise quase que paralela dos três autores, ‘paralelizando’ também as conhecidas obras: *Buriti*, *Claro Enigma* e *São Bernardo* em busca do perfil do sujeito moderno em relação à dicotomia entre a tradição que envolve o lado social e a individualidade, seja dos autores, seja dos personagens. Falar de patriarcalismo no modernismo brasileiro de uma maneira não específica e ao mesmo tempo travar um diálogo entre obras que aparentemente nada tem em comum pode ser uma boa maneira de observarmos um traço em comum a partir de sujeitos. Por fim, a observação estética do olhar do narrador e a ligação deste olhar com outras artes poderá ilustrar ainda mais nosso estudo.

## **O SUJEITO MODERNO E SEUS AUTORES**

A liberdade esteve sempre diretamente ligada à idéia de sujeito moderno. Racionalismo e as mudanças históricas nas relações sociais traçam um pano de fundo para a nova geração modernista que toma a cultura brasileira a partir dos idos dos anos 30 do século XX.

Um país favorecido pelas distantes guerras mundiais parecia prever um crescimento acelerado e isso pedia ao mesmo tempo uma reflexão sobre a sociedade intelectual que se formava no entorno dessa nova perspectiva de Brasil.

Noções de individualidade, moral, economia, entre outros assuntos passam a fazer parte da consciência coletiva de forma mais aberta e democrática do que era antes. A ordem era tratar de assuntos fortes sem censura. A economia brasileira de vento em popa, permitia, cada vez mais, que intelectuais pudessem estar fora do país para abastecer suas inspirações com o que de melhor a Europa fornecia em termos culturais, ao mesmo tempo a Europa era assolada por duas guerras o que fazia com que o Brasil parecesse um berço esplendido.

A modernidade pode ser caracterizada em um dos pontos, pela idéia de controle do mundo pela razão, melhorar o mundo através do ordenamento racional e técnico dos estados nações e da ciência. O sujeito moderno a partir de agora, é visto como indivíduo. Bauman (2001) conceitua a individualização como o “transformar a identidade humana de um ‘dado’



em uma ‘tarefa’ e encarregar os atores da responsabilidade de realizar essa tarefa e das conseqüências (assim como dos efeitos colaterais) de sua realização.

Sem duvida a importância cultural da semana de 22 abriu as portas e as possibilidades para a divulgação de artistas e trabalhos das mais diversas áreas para pessoas que antes não tiveram acesso à cultura, porém muito do que se conta é um exagero perto que realmente foi a lendária semana de artes. Muito se diz pouco se prova, porém a semana de 22 foi de fato um marco para o modernismo brasileiro.

Os anos que seguiram principalmente o período de 1930 a 1945, foi ainda mais relevante para a produção cultural brasileira em termos de quantidade e qualidade da produção e principalmente para a sustentabilidade e crescimento de autores como os que analisaremos no presente estudo.

Os modernistas Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade e Graciliano Ramos vieram de origens bem diferentes, tiveram criações bem diferentes, posses materiais diferentes, porém a modernidade no sentido mais estrito do conceito modernista pode ser interpretado em suas obras de maneira análoga e ao mesmo tempo latente.

Guimarães Rosa, mineiro de Cordisburgo, além de escritor também foi médico e diplomata. Começou a escrever cedo, como autodidata. De família abastada, sempre conseguiu exercer totalmente sua inclinação á escrita. Além da importância de suas obras teve grande importância na diplomacia na segunda guerra mundial, onde inclusive, segundo relatos da época, ajudou pessoas a fugirem do regime nazista na Alemanha acompanhado de sua segunda esposa.

Já Carlos Drummond, também mineiro, teve uma vida um pouco menos “glamourosa” que a de Guimarães, porém não menos importante em termos literários. O poeta nascido no começo do século XX destacou-se desde o início pela poesia à margem das convenções usuais. De família de posses também teve a oportunidade de estudar e viajar. A obra de Drummond tem “um coeficiente de solidão, que o desprende do próprio solo da História, levando o leitor a uma atitude livre de referências, ou de marcas ideológicas, ou prospectivas”, afirma Alfredo Bosi (1970).



Graciliano Ramos, alagoano, teve uma vida mais penosa que os dois autores aqui estudados. Vindo de uma família pobre do sertão das Alagoas, filho primogênito de uma leva de dezesseis irmãos, passou grande parte de sua vida difícil trabalhando em jornais e escrevendo sobre o cotidiano. Teve problemas políticos por sua ligação com o partido comunista, sendo preso em 1935. Ao contrário dos outros dois escritores analisados neste estudo, era oriundo do povo e sabia dos problemas do povo brasileiro como poucos autores da época. A vida difícil e a origem humilde rendeu a Graciliano Ramos obras muito realistas no que tange a realidade brasileira e proporcionou obras de grande relevância na literatura brasileira como *Vidas Secas*, *São Bernardo* e *Memórias do Carcere*.

### **GUIMARÃES ROSA E O BURITI**

A novela *Corpo de Baile / Noites do sertão* é dentre as obras de Guimarães Rosa talvez uma das mais sensuais. Porém, apesar do tom sensual presente principalmente na novela *O buriti* não podemos deixar de salientar no que tange a esta obra, a importância da visão do homem sertanejo por um homem nem tão sertanejo assim.

Como Guimarães Rosa, do alto de sua colocação como médico e diplomata poderia enxergar tão bem tantos personagens do sertão brasileiro como os de *Grande Sertão Veredas*, os diversos tipos reais e as vezes quase surreais em *Sagarana* e mais ainda o mundo imaginário tão real de *O Buriti*?

A natureza e a ligação direta com o interior de Minas gerais fazem parte do universo de onde o escritor guarda suas lembranças de infância. A necessidade de ver o Brasil num plano individual, de mostrar o homem sertanejo.

A relação do homem com o homem e a relação do homem com a natureza. A lei do mais forte. Falar de cidadezinhas quase reais no fim do mundo. Observar detalhes minúsculos e transformar em metáfora o som de bichos que só ele achava existir. Nomear de forma única as belezas da natureza brasileira, pintando um quadro mágico ao leitor. O autor, diplomata, trata da vida de jagunços, fazendeiros, peões e guriazinhas do mato como se vivera o tempo todo naquele universo sertanejo.



Sem dúvida o debate nacional sobre a questão do cangaço fez com que a escrita tivesse um pouco esse rumo. O cangaço mostrava-se forte no sertão do Brasil. Enquanto eram heroizados pela esquerda, eram considerados assassinos para a direita. Guimarães buscava mostrar o sertão de outra maneira. Mostrava o sensível, o humano (mesmo que aparentemente desumano), mostrava a gente do nosso país que se escondia no meio do mato.

Buriti Bom era uma fazenda a cara do Brasil. O grande proprietário de terras Iô Liodoro, prestoso pai de família, chefe de terra e do clã Buriti. Homem forte. A casa grande incluía a família e seus agregados. Guimarães escreve em *O Buriti* como se estivesse mesmo lá. Os mínimos detalhes são esmiuçados. Uma pintura é criada a cada nova cena. O leitor consegue enxergar com os olhos do autor, talvez disso venha a grande arte de Guimarães.

Buriti Bom ficava perto de outra fazenda importante na história, a Grumixã. Porém Grumixã era diferente de Buriti Bom. Os que lá viviam, Iô Gualberto e Dona Dona formavam uma família muito diferente dos de Buriti Bom, seja no formato de família, seja na união e no amor familiar. A importância de Grumixã na história deve-se principalmente por causa da grande palmeira Buriti estar em suas terras. Essa relação de dependência entre as duas fazendas é clara em diversos trechos da obra e pode ser percebida em maior profundidade no trecho a seguir:

O buriti grande está ainda da banda de cá, pertence em minhas terras. Mas muita gente aprezeia, costumam vir, fazem piquenique lá, ao pé, até as moças. . . Meu amigo Iô Liodoro gosta dele demais, me fez dar palavra que não derrubo nem deixo nunca derribar, palmeirão descomunado. Ah, ele me disse, em sério gracejo: - "Compadre Gual... (é como ele me trata, amistoso; que em verdade compadre não somos, mas apelidando) . . . Compadre Gual. dele você me cede, me vende uma parte..." Iô Liodoro é uma firmeza. Eu respondi com bazarria: - "Pois compadre Iô Liodoro, por isso não seja, que o buriti-grande lhe dou e ofereço, presenteio, caso sendo até escritura passo... E ele d'hoje-em-diante, fica seu, nominal!" (ROSA, 1988, p.109)

A narrativa da novela se baseia principalmente na relação e trajetória de dois casais: Miguel e Glorinha, e Iô Liodoro e Lalinha. O primeiro casal, mencionados desde o início da trama, são jovens, puros e apaixonados. Poucos obstáculos impedem este amor. Este é o laço que encadeia o início e o fim da história. O segundo casal da trama é justamente o contrário. Sua história só vem a tona no final da novela. Muitos obstáculos para que a relação entre os dois possa acontecer de fato.



Ião Liodoro é sogro de Lalinha, que fora abandonada por seu filho. Ela fica na família como uma filha de Ião Liodoro, mas a cada dia essa relação parece levar para outros rumos. Toda a trama parece dialogar com as histórias dos dois casais, mas enquanto uma parece durante toda a trama que terminará num possível final feliz a outra parece que terá um final trágico.

Para entender Buriti é preciso entender a figura de Ião Liodoro. Ele é nosso sujeito moderno em transição e ao mesmo tempo retrato da tradição. O típico brasileiro, dono da fazenda mais prospera da região. O típico patriarca. Homem de mando. Não pegava no batente, só mandava e desmandava. Primava pela família e era amoroso principalmente para com suas meninas. A família era seu principal bem. Seu nome Liodoro nos traz a idéia “laços de ouro”. Os laços de ouro da família patriarcal. A família era o seu lado diurno. Ião Liodoro Maurício herdara o nome Maurício de sua mãe, a vovó Maurícia. O nome Maurício era o lado noturno de Ião Liodoro. Era a noite que mostrava seu outro lado, o lado do touro, do garanhão, um lado que não condizia com seu lado diurno familiar do homem respeitável da fazenda, porém que o tornava forte para ser o grande patriarca que devia ser.

Tradição em Buriti é um assunto importante. A família é um importante pilar da tradição e era pela família que a força da fazenda Buriti iria perpetuar sua condição. Ião Liodoro independente de seu lado obscuro, das saídas a noite para aventuras sexuais, colocava sempre em primeiro lugar a família. O Buriti era além do nome da fazenda, o nome de uma grande palmeira, altíssima, parecida com as palmeiras imperiais que D. Pedro mandara plantar no Rio de Janeiro. A palmeira Buriti representava a tradição, e a força do patriarca, mas ao mesmo tempo pode ser vista como um símbolo fálico de poder Dionisíaco personificado fortemente em Liodoro. Era em volta do Buriti que parte da vida social da região acontecia. Era frequentado principalmente pelas moças da cidade. Ficava ao lado de um brejão, que fornecia alimento e vida à grande palmeira. A simbologia do fator masculino, o falo buriti, e o feminino, o brejão, é claro na descrição metafórica da Guimarães Rosa.

O clima erótico sensual ronda toda a trama desde o início. O sujeito moderno mostra-se aqui de forma ainda mais acentuada ao libertar-se da moral rígida ao falar de sexo de maneira velada porém não menos erótica. Guimarães trabalha o tempo todo com a idéia de



que o erótico fica ainda mais intenso quando ainda não realizado. A vontade das personagens bloqueadas por fatores sociais apenas inflama ainda mais o erotismo de cada relação.

O sujeito moderno de Guimarães é bipolar ou até tripolar. Todos os personagens de *Buriti* apresentam diversas facetas sociais, seja do ponto de vista social ou mesmo individual, característica típica do homem moderno. Buscar a libertação racional de laços tradicionais e impostos pela sociedade até então. Essas multi facetas de personalidade mostram quem são na verdade. Essa característica plural também é evidenciada em seus nomes. Glorinha, filha de Ião Liodoro também é conhecida como Maria da Gloria ou mesmo Gloria. Glorinha é a menina de família, amiga de Lala. Quando assume a forma de Gloria, assume também o papel da mulher sensual, herdeira do lado obscuro dos Maurício. Já Maria da Gloria era mulher pra casar e era com Miguel que iria se casar. Cada nome leva a uma personalidade.

Lalinha também mostra-se em varias facetas. Como Lala, era a melhor amiga e confidente de Glorinha. Era o aconchego da quase irmã nas aflições quase que pueris da amiga na descoberta do sexo. Quando assumia-se Leandra, era a mulher adulta e fogosa, as vezes sem escrúpulos, muito diferente de Lala, a adolescente em fase de descobertas. Ião Liodoro quase sempre a chama de Leandra nos momentos de insinuação sensual e dos jogos eróticos que faziam todas as noites sobre a luz de lampiões.

*O buriti* é uma novela marco no modernismo brasileiro por remeter ao Brasil com cara de Brasil, num período onde muitas mudanças sociais aconteciam e o homem do século XX também precisava se libertar. A leitura da obra leva o leitor de hoje a descobrir um Brasil surpreendente, com valores que parecem mais modernos do que poderíamos imaginar para uma sociedade aparentemente tradicional como a das primeiras décadas do século XX.

### **GRACILIANO RAMOS E SÃO BERNARDO**

Graciliano traz em *São Bernardo* o começo da chave para nossa análise em conjunto das três obras em foco no presente estudo. A obra *São Bernardo* dialoga com *Buriti* não apenas por tratarmos de grandes fazendas no sertão do Brasil modernista. A analogia deve ser observada também pelo viés do sujeito patriarcal do protagonista Paulo Honório, dono da fazenda de São Bernardo, que transparece desde o início a marca do anti herói. Bem diferente



de Ião Liodoro em *Buriti*, Paulo Honório não preza pela família, para ele a única função da família é a continuidade. Não demonstra em momento algum o carinho e o apreço pela relação familiar relacionada à tradição ou mesmo à fazenda em si.

Paulo Honório é cruel, violento, impiedoso com todos a sua volta. Em alguns momentos procura de redimir do mal que deseja a todos que estão a sua volta, porém logo volta a sua postura de patriarca cruel e obstinado pela posse. Só a fartura da fazenda São Bernardo traz alegria a Paulo Honório. Narra a história do seu ponto de vista individual transparecendo impressões psicológicas sobre cada personagem lembrando um pouco inclusive Bentinho de *Dom Casmurro* do grande Machado de Assis. Desconfiado de todos ao seu redor e analítico. Para Paulo Honório só importa sua ambição e o acúmulo de bens.

A princípio o capital se desviava de mim, e persegui-lo sem descanso, viajando pelo sertão, negociando com redes, gado, imagens, rosários, miudezas, ganhando aqui, perdendo ali, marchando no fiado, assinando letras, realizando operações embrulhadíssimas. Sofri sede e fome, dormi na areia dos rios secos, briguei com gente que fala aos berros e efetuei transações de armas engatilhadas. (RAMOS, 2009, p.17)

O patriarca Paulo Honório é bem diferente do patriarca Ião Liodoro da fazenda Buriti também no trato com as mulheres. Em *São Bernardo* as mulheres são desprezadas. Madalena, esposa de Paulo Honório, é quase que uma ameaça e por ela este não sente amor, nem desejo e nem piedade, só desconfiança. A trata como uma servil. Nem de seu filho, que chama de “pequeno” parece ter amor. Só lhe importa a futura serventia do mirrado rebento.

Ao contrário de Buriti, o protagonista de *São Bernardo* não parece querer agregar ninguém a família. Paulo Honório é sempre egoísta, individualista, só pensa em si e se mostra superior a todos, mesmo sabendo em seu íntimo que não é.

Amanheci um dia pensando em casar. Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar (...) O que sentia era desejo de preparar um herdeiro para as terras de São Bernardo. Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo. (RAMOS, 2009, P.67)

A tradição é evidenciada no espírito de Paulo Honório. Homem não aberto a novidades, o sujeito moderno visto do avesso. Racionalista sim, porém do avesso. Liberto jamais. Ele clama pela tradição patriarcal, como se isso fosse sua única forma de poder e



sobrevivência. Ouve os rumores de um novo mundo de idéias vindos das cidades grandes e isso o assusta. Ele repudia o novo e busca no poder, mesmo que fora de sua vontade mais individual, a única forma de projeção social. Usa da política da boa vizinhança para conseguir mais poder, mesmo que usando de má fé. Faz isso com tamanha naturalidade que as vezes esquecemos a crueldade por tras de seus pensamentos mais sórdidos. Aos poucos percebemos que *São Bernardo* é um romance de confissão.

Emoções indefiníveis me agitam — inquietação terrível, desejo de voltar de tagarelar novamente com Madalena, como fazíamos todos os dias, a esta hora. Saudade? Não, não é isto: é antes desespero, raiva, um peso enorme no coração. Procuo recordar o que dizíamos. Impossível. As minhas palavras eram apenas palavras, reprodução imperfeita de fatos exteriores, e as dela tinham alguma coisa que não consigo exprimir. (RAMOS, 2009, p. 117-118)

O protagonista começa e termina o livro narrando sua aventura de escrever um livro. Esta ambição do escrever é esquecida durante o progresso da obra, porém é importante este fato para amarrarmos a história e conhecermos melhor a dicotomia autor / narrador / protagonista da história. Paulo Honório parece ser o contrário de Graciliano conhecido comom homem da esquerda. O impeto anti comunista é lembrado a cada passagem do livro, seja com sua esposa Madalena, seja com seus companheiros desafetos como Padilha, Gregório entre outros que o circundam na trama.

Escrever um livro para Paulo Honório era um fardo necessário. Redimir-se de todo o mal desejado durante os anos de vida em São Bernardo ou apenas tornar-se herói de uma história. O protagonista passa toda a trama declarando abertamente sua repugnancia às letras, ao letramento, à intelectualidade. Tamanho desprezo é conflitante com a vontade de escrever um livro tratado no início e no fim do livro. A vontade escrever é analoga a sua desgraça no fim de uma vida sem sentido. Um homem que surgiu do nada. Que começou a vida sendo um niguém é pano de fundo do homem de posses que um dia Paulo Honório se tornou. Toda a dor que passa em seus primeiros anos de vida desgraçada parecem não trazer remorso ao homem que vive na lida botando a mão no batente da fazenda e sendo cruel com todos ao seu redor onde a única admiração ao outro deve vir pelo esforço. Ao contrário de Guimarães em Buriti, em *São Bernardo* é o homem pobre que enriquece e percebe no fim de tudo que nem tudo valeu a pena.



Mas a vida do corpo, a vida do grupo, o trabalho manual e as crenças religiosas confundem-se no cotidiano pobre de tal modo que quase se poderia falar em *materialismo animista* como a filosofia subjacente a toda a cultura radicalmente popular. A expressão, que já usei uma vez para qualificar a perspectiva de Guimarães Rosa, exige esclarecimento. *Materialismo*, enquanto o homem pobre conhece, por força das suas obrigações diárias, o uso da matéria, lida com a terra ou com instrumentos mecânicos, que são o seu meio único de sobrevivência. (Bosi, 1992, p.310)

O sujeito moderno em *São Bernardo* é ainda mais sertanejo, ainda mais tradicional, ainda mais enraizado, porém com isso Graciliano tem a clara intenção de criticar um tipo que deveria se extinguir naquele momento de mudanças no país. Ele mostra ao leitor da época o monstro Paulo Honório, com a certeza de que muitos Paulos Honórios viviam pelo sertão naquele tempo. Guimarães, corajoso, apenas disse a verdade sobre o homem sertanejo latifundiário daquele tempo de formação do país, por mais cruel que pudesse parecer aos leitores que estavam aos poucos descobrindo o que de fato era esse gigante de terras infinitas chamado Brasil.

## **CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E CLARO ENIGMA**

A proposta de Drummond em *Claro Enigma*, uma coletânea de poemas, parece ser mostrar o real mediante um processo de interrogações e negações que acaba revelando o vazio à espera do homem. A negatividade, a descrença, o vazio da esperança traduzem-se pela expressão de dor real, do vazio, da angústia, da consciência da queda consciente que prende o sujeito moderno.

Os poemas de *Claro Enigma* buscam mostrar o tema social. O empenho político e os acontecimentos da época formavam a armação dos poemas integrando-se a eles por meio de uma inquietação individual e uma observação do mundo e das relações sociais. O caminho, quase sempre projetado nos poemas de Drummond, aqui parece ser tortuoso.



Ele trabalha durante toda a obra sob um modo de ver o mundo pessimista ao extremo. O tom depressivo é forte o suficiente para nos levar a pensar no irônico. A negatividade irônica onde o sujeito busca distância do mundo. É o cômico sério que tira o humor da desgraça. Em *São Bernardo* muitas passagens também mostram este tom. A afirmação do vazio no concreto. O mundo vazio de moral, de tradição ou de tudo que é rico de conteúdo. O não acreditar em nada de bom, que nada de bom seria possível na modernidade, mesmo tendo o mundo nas mãos. O valor em reflexão concreta. Material e metafísico em análise indireta pelo sujeito.

Em *Claro Enigma*, o poeta se volta para si. O eu e a interioridade da individualidade são o tom principal dos poemas. A subjetividade e o existencialismo, com tamanha profundidade, o poeta penetra no universo problemático do mundo do eu.

*Claro Enigma* em comparação com as outras duas obras foco do nosso estudo é o espelho da alma do sujeito moderno. O homem com ele mesmo. Enquanto em *O Buriti* o social era evidenciado em analogia a personagens em revelação, e em *São Bernardo* era o embate do individual com o social. Em *Claro Enigma* o eu conversa consigo mesmo e conta o que vê dentro de si. Por outro lado, a decepção e o lado negro de Paulo Honório em *São Bernardo* é em *Claro Enigma* tratado como realidade humana e ao mesmo tempo maturidade. Enxergar a realidade de maneira espiritual e ao mesmo tempo material.

*Claro Enigma* também remete à tradição familiar, principalmente no poema *Os Bens e o Sangue*. O conflito entre o sujeito sem destino, que nos leva novamente à analogia a *São Bernardo* e a tragédia, o homem sujeito ao seu destino.

O poema reflete as heranças do homem: os bens e a herança material. Mais uma vez podemos ver claramente o diálogo entre as três obras. No poema “Os bens e o sangue” mostra a crueldade de seu pai ao dividir os bens, excluindo-o dessa divisão.

Drummond é dos três autores, o mais urbano. Mesmo em seus caminhos pedregosos é possível perceber a civilidade urbana em sua obra de maneira mais perceptível. A partir desta veia mais urbana e intelectualizada, ele nega a tradição da sua origem do campo e da



família tradicional. Fala das terras de seu passado como passado que não volta e que já não são terras de fartura. Depõe toda sua descrença na terra já morta pela mineração.

Já no poema *A máquina do mundo* Drummond mostra-se ainda mais descrente. O poema fala do poeta que caminha por uma estrada pedregosa no final da tarde e eis que a máquina do mundo aparece para ele a fim de revelar todas as verdades da vida. O poeta recusa a oferta e prefere ficar com a sua realidade. A recusa do maravilhoso parece a aceitação da vida concreta em todos os momentos, sejam eles bons ou ruins. A máquina oferece um conhecimento revelado, mas o poeta recusa, mostrando a maturidade de quem não precisa mais saber de nada sobre a vida. Na maturidade é que aceitamos os limites humanos e temos a negação da ilusão. É quando todas as nossas verdades são de fato concretizadas em história de vida.

(...)

Mas, como eu relutasse em responder  
a tal apelo assim maravilhoso,  
pois a fé se abrandara, e mesmo o anseio,  
a esperança mais mínima - esse anelo  
de ver desvanecida a treva espessa  
que entre os raios do sol inda se infiltra

(...)

A treva mais estrita já pousara  
sobre a estrada de Minas, pedregosa,  
e a máquina do mundo, repelida,  
se foi miudamente recompondo,  
enquanto eu, avaliando o que perdera,  
seguia vagaroso, de mãos pensas.

(...)



(ANDRADE, 1992, p.244)

Em *São Bernardo*, Paulo Honório reconhece essa maturidade do alto de seus cinquenta anos na parte final da obra. A maturidade revelada, ou a maturidade concretizada em forma de livro escrito pelo protagonista buscando o real e não o fantástico. A negação de uma metafísica. A melancolia do poeta mineiro em *Máquina do Mundo* é similar a de Paulo Honório no final de *São Bernardo*. O reconhecimento da precariedade humana, de um homem fraco diante do real, aceitar e reconhecer a dificuldade, aceitando enfim a maturidade de um sujeito moderno, de um sujeito acometido pelo real.

### **A CENOGRAFIA E AS OUTRAS ARTES NAS OBRAS MODERNISTAS**

No modernismo sempre foi declarada a ligação entre a literatura e as mais diversas artes, tanto no sentido estético quanto no sentido ético social. É no período modernista que o cinema surge com força e novas reflexões artísticas são desenvolvidas no imaginário cultural. A riqueza de sons do cinema, a riqueza de cores e novas formas das artes plásticas, influenciam também a forma de pensar e escrever do autor moderno. A idéia de cena que as três obras apresentam nos remete diretamente em relação à analogia as outras artes.

*O Buriti* traz uma linguagem literária ligada à linguagem imagética das artes visuais. A descrição de cada detalhe nos dá uma referência imediatamente ligada às artes plásticas em lindos quadros pintados verbalmente por Guimarães Rosa ou mesmo em cenas de movimento onde podemos imaginar uma cena cinematográfica. É impossível ler *o Buriti* e não criar um imaginário de fotos, cenas e imagens vivas. Guimarães consegue transformar cada cena num recorte único, com cores, sons e personagens que surpreendem a todo o momento ao espectador. É possível ver a cena, o movimento, ouvir os sons da cena a todo o momento:

Sentados no barranco de beira da estrada, úmidos de sereno os capins, Miguel e o rapaz comeram seu farnel, já no sufoco e tempo fresco, já anoitecendo, enquanto ouviam o cucubo da coruja e o regougo da raposinha. Entrementes ocorria também o vozejo crocax do socó: - Cró, cró, cró. . . - membranoso. Miguel acendeu cigarro; o rapaz mastigava uns restos. Não dilatava, bastando a gente guardar um pouco o silêncio, e o confuso de sons rodeava, tomava conta. Como a infância ou a velhice tão pegadas a um país de medo. Miguel, sem o saber, sentia afastadas coisas, que se ocultavam de seu próprio pensamento. Levantou-se, caminhou uns passos, até ao jipe, apanhou a lanterna. Andou mais, na direção de onde tinham vindo. (ROSA, 1988, P. 90)



Já em *São Bernardo* o uso de diálogos extensos e cenas totalmente baseadas no que falam os personagens remetem ao universo teatral de Graciliano. Paulo Honório mesmo narrando a história parece dirigir e manipular os personagens a seu modo. E em alguns momentos assume isso. O livro que este se propõe escrever no início e no final do livro já está sendo escrito durante a trama. Os personagens parecem marionetes de seu bel prazer dramaturgico. Paulo Honório constrói cada personagem, detalha a vida e a personalidade de cada um do jeito que ele imagina e julga. A sensação de real e imaginário convergem o tempo todo em Paulo Honório. Nunca sabemos se uma cena foi construída de acordo com a vontade de Paulo Honório ou do autor.

Em *Claro Enigma*, Drummond constrói uma cenografia que passeia entre o imaginário do real e do fantástico. Uma cenografia repleta de sombras e reflexões que lembram Edgar Allan Poe e até poesia simbolista. Porém Drummond é um moderno na essência. Nesta fase mais madura procura mostrar-se ainda mais maduro em seus pensamentos individuais. Remete á imagética do caminho. O ser que anda e pensa. Cena de filme fantástico e ao mesmo tempo abstrato, porém fincado no concreto. O enigma do mundo e a analogia do homem que anda pela vida em busca de respostas e quando encontra a máquina do mundo recusa a revelação. O enigma que se mostra claro se olharmos profundamente a partir dos olhos do sujeito moderno que caminha.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As semelhanças e diferenças e o os diálogos possíveis entre três obras modernistas estudadas aqui são tantas que poderíamos escrever algumas teses com diferentes pontos de vista para cada um dos itens que relacionam os temas tradição e individualidade.

O perfil do sujeito moderno nas obras estudadas mostram um conjunto do ser brasileiro não das capitais, já inflamado pela intelectualidade e pela informação estrangeira, mas o matuto do sertão querendo virar gente, mas dependendo da permissão da sociedade e da tradição que os cercam. Em cada uma das obras achamos personagens com estas características e todos parecem querer fazer uma confissão de sua individualidade intensa. Em *O Buriti* temos vários destes tipos, alguns perceptíveis, outros nem tanto, mas todos com características de sujeitos modernistas em busca de uma liberdade, ainda que por meio de



Edição 02 – Novembro de 2012  
Texto recebido até Outubro de 2012  
Aceito para publicação em Novembro de  
2012

*personas* não únicas. Em *São Bernardo*, Paulo Honório mostra-se o mais típico brasileiro do sertão e tom do confesso. Em *Claro Enigma* é poeta em seu eu lírico carregado de densidade que nos mostra essa confissão, ainda que em tom metafórico e abstrato.

O modernismo visto pela análise das três obras parece querer mostrar não aquela realidade social do realismo burguês no final do século XIX e nem bradar pelo romantismo utópico de uma geração de escritores idealistas querendo ter uma voz uníssona. O sujeito moderno é só. È único e com um desejo de liberdade. Tem personalidade individual e não tem medo de no final mostrar sua verdadeira cara. Doa a quem doer. O sujeito moderno traz consigo uma vontade de romper de vez com a tradição, muito mais do que o realista que apenas refletia essa possibilidade. O sujeito moderno se enxerga por dentro e confessa que traz consigo manias e vontade de uma ser humano que pode ser real. O sujeito moderno existe dentro de uma individualidade que pode ser compartilhada, seja no sofrimento, seja na realidade de quem escreve e de quem lê. O sujeito moderno vive o real ainda que em formas de metáforas que transformam esse real num mundo que pode parecer ficção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond. *Claro Enigma*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora; Record, 1991

ANDRADE, Carlos Drummond. *Poesia e prosa*. 8ªed. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. 1ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura Brasileira*. São Paulo. Ed. Cultrix, 1970.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

MEGALE E MATSUOKA, Heitor e Marilena. *Literatura e Linguagem*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1990.



Edição 02 – Novembro de 2012  
Texto recebido até Outubro de 2012  
Aceito para publicação em Novembro de  
2012

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

ROSA, Guimarães. “O buriti” IN: *Noites do sertão*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988.